



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

# SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL

Julho de 2022

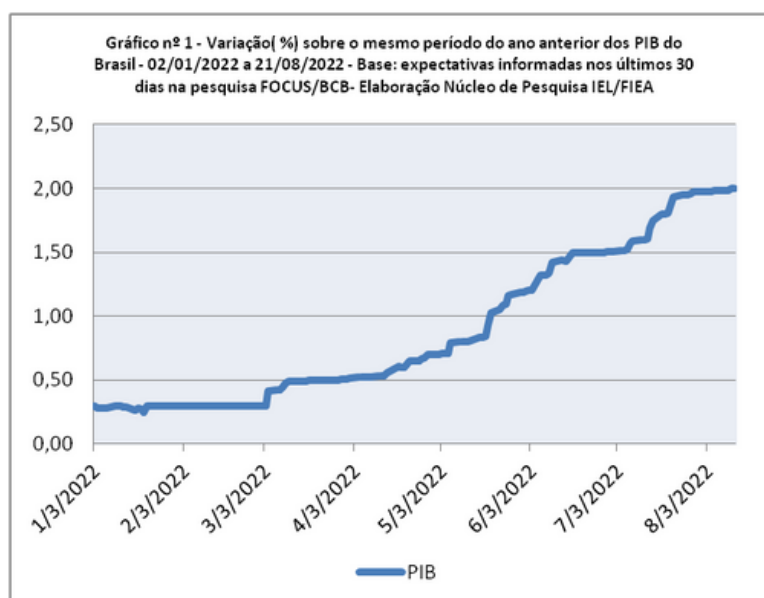
## Mercado espera crescimento de 2% do PIB em 2022

As expectativas de crescimento do PIB brasileiro – captadas nas pesquisas realizadas semanalmente junto ao mercado financeiro pelo BCB (FOCUS) –, vem sendo revistas para cima desde o início do ano, como pode ser visto no gráfico nº 1. Em janeiro a mediana dos economistas de mercado estimava crescimento do PIB de 0,45% em 2022. No último boletim FOCUS as projeções haviam subido para 2%. Até início de maio a taxa mantinha-se em 0,5%, passando a escalar desde então. Quais fatores contribuíram para a reviravolta nas expectativas?

A partir de abril, a mediana do mercado passa a estimar crescimento do consumo do governo e das famílias que saem do patamar 0,6% e 0,7% no início do ano para 1,8% e 2,2% registrados no boletim de 19/08/2022. Salto importante foi dado nas projeções do resultado líquido das exportações tendo em vista tanto a revisão para cima crescimento das exportações como para baixo do aumento das importações. Aqui a contribuição maior foi das projeções para as importações. Os investimentos amargam expectativa de redução de 3% e estão pagando a conta do ciclo de alta dos juros para combater a inflação, o que não é nada promissor em termos perspectivas futuras para a economia brasileira.

Três fatores, ao menos, estariam por trás da melhoria nas expectativas do mercado financeiro quanto aos gastos domésticos. O primeiro tem a ver com o impacto de uma série de antecipações de benefícios fiscais como liberação de FGTS, do décimo terceiro para aposentados e pensionistas, vale gás para população carente, aumento do Auxílio Brasil para R\$ 400,00 e recentemente para R\$ 600,00, beneficiando cerca de 20 milhões de brasileiros. O segundo fator diz respeito ao efeito temporário da redução do ICMS nos preços da energia e combustíveis na taxa de inflação, como será discutido no próximo tópico. O terceiro está diretamente relacionado com o crescimento esperado do setor de serviços cuja estimativa saltou de 0,3% em janeiro para 2,4% em agosto. A aposta do mercado é de que o uso da poupança acumulada pela classe média em 2020 e 2021 associado ao relaxamento das restrições sociais impostas pela COVID19 alavacarão o setor de entretenimento, comércio e serviços até o final do ano.

Como colocado no Panorama FIEA anterior, ainda não é possível estimar o impacto no aumento do Auxílio Brasil, de R\$ 400,00 para R\$ 600,00, do bolsa caminhoneiro e taxi de R\$ 2000,0 sobre o consumo das famílias nos próximos meses. Por fim, grande parte do maior otimismo do mercado financeiro quanto ao crescimento do PIB este ano tem a ver com a melhoria dos dados no mercado de trabalho. É importante destacar, no entanto, que dos 98,3 milhões de pessoas empregadas hoje no Brasil a larga maioria encontra-se no setor de serviços com baixa capacidade de agregar valor, são informais e recebem até dois salários mínimos. Não é sem razão que com juros altos e concentração da renda a indústria vem tendo dificuldade de crescer, inovar e aumentar a sua produtividade. Em 1955 a produtividade do trabalhador brasileiro era 25% da do americano, em 1980 chegou a 46% e em 2021 voltou aos 25%. A estimativa é que a indústria cresça 0,5% em 2022.



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL



## A deflação de julho de 2022

O IPCA (acumulado em doze meses) de 11,9% de junho ficou acima do 11,7% de maio e abaixo do patamar atingindo em abril de 12,1%. Sinais explícitos de desaceleração da inflação são dados pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), a partir da diferença entre os títulos públicos pré-fixados e os corrigidos pelo IPCA, cujo índice implícito de inflação alcançou recentemente o patamar de 6% no vértice de 252 dias úteis, contra 6,4% há um mês, e pela mediana do mercado financeiro para a inflação esperada nos próximos doze meses, pesquisa FOCUS/BCB, em 5,1%.

A desaceleração esperada para o IPCA em 2022 tem que ser vista com cautela. Apesar da guerra entre Rússia e Ucrânia continuar provocando volatilidade nos preços das commodities e dos lockdowns na China continuarem pressionando os preços dos componentes eletrônicos, a redução do ICMS e dos preços dos combustíveis na refinaria pela Petrobras levou o mercado a esperar deflação em julho.

Por outro lado, os sinais dados pelo BCB de que as expectativas de inflação de 2023 e 2024 estão desancoradas tem levado o mercado a apostar na continuidade do ciclo de alta da selic, com mais uma alta de 0,5% na reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) de agosto atingindo 13,75% e talvez mais um aumento de 0,25% levando a taxa ao patamar de 14% ainda em 2022. A curva DI[1] para janeiro de 2023 e 2024 projeta taxas de 13,95%aa e 13,86%aa, respectivamente, sinalizando viés de alta para selic.

O BCB continua precificando um aumento do risco fiscal, mas admite que a tendência da economia brasileira é desacelerar em virtude dos efeitos transitórios dos estímulos fiscais e dos efeitos crescentes sobre a economia da elevação dos juros praticada pela política monetária. Isto significa que apesar da desaceleração da inflação motivada por fatores transitórios, como o efeito redução do ICMS e dos preços pela Petrobras, a selic continuará acima de dois dígitos. Caso a selic atinja o patamar de 14% e supondo-se uma inflação esperada para os próximos dozes meses em 5%, a selic real alcançará o percentual de 8,6%, o que inviabiliza projetos de investimentos no setor real da economia.

Em função desse contexto, continuamos sustentando que a continuidade do ciclo de alta da selic é preocupante uma vez que esta política, mesmo com a defasagem dos efeitos na ponta para consumidores e empresas, tem se mostrado pouco eficaz para fazer frente a inflação provocada, em grande medida, por choques sucessivos de oferta. Ademais, como admite o próprio BCB, a tendência da economia brasileira é continuar estagnada do ponto de vista de sua demanda interna.

Por sua vez, a aposta em uma possível recessão na economia do EUA, podendo se estender à zona do Euro, principalmente com o início do ciclo de alta dos juros pelo BCE, e da desaceleração na China que tem puxado para baixo as estimativas de crescimento da economia global, tenderá a pressionar para baixo os preços das commodities. A resiliência da inflação americana levou o Banco Central do EUA (FED) a acelerar o ritmo de alta dos juros para 0,75% na última reunião de junho, podendo chegar a uma alta de 1% na reunião de julho, não obstante a maioria do mercado apostar em mais uma alta de 0,75%, assim como iniciar o processo de diminuição dos seus ativos em papéis do setor privado.

Todos estes aspectos, domésticos e externos, apontam para a redução da inflação no período relevante da política monetária no Brasil em um contexto de demanda em trajetória descendente.

---

[1] Taxa média de Depósitos Interfinanceiros de um dia

## A produção industrial brasileira em junho de 2022

A indústria brasileira em junho de 2022 registrou retração de 0,4% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial caiu 0,5%, invertendo a dinâmica de expansão exibida em maio quando cresceu 0,5% (na mesma métrica). De acordo com avaliação do IEDI[2], “Nada disso, porém, comprometeu um movimento amplo de melhora relativa dos resultados entre o 1º trim/22 e o 2º trim/22 (73% dos segmentos). O determinante para isso foi uma redução significativa de casos com perdas profundas no 2º trim/22. O número de segmentos com queda de dois dígitos passou de 47% dos 93 segmentos no 1º trim/22 para 26% no 2º trim/22.” No entanto, destaca o IEDI, “Embora este seja, sem dúvida, um aspecto favorável, a melhora relativa não significou crescimento na grande maioria dos casos. Além disso, também é importante observar que praticamente ¼ da indústria de transformação se manteve em situação bastante grave, com perdas interanuais mais intensas do que -10%.”

Ainda segundo o IEDI, “Em jun/22, a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, progrediu de 80,8% em mai/22 para 81,4%, ficando acima da média histórica anterior à Covid-19 (79,5%). Em jul/22 este indicador cresceu novamente, chegando a 82,3%. O indicador da CNI, também com ajuste sazonal, vem se mantendo em patamar muito semelhante desde jan/22, apontando para a relativa estagnação do setor. Em jun/22, ficou em 80,4%, pouco abaixo de mai/22 (80,7%). Assim, o indicador encontra-se pouco abaixo da média histórica anterior à pandemia de Covid-19 (isto é, até fev/20), que é de 80,7%.”

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,4	-0,5	-2,2	-2,8
Bens de capital	-1,5	0,2	-0,9	7,0
Bens Intermediários	-0,8	-1,8	-2,1	-2,6
Bens de consumo	0,4	1,5	-3,3	-6,0
Bens de consumo duráveis	6,4	2,3	-11,7	16,0
Semiduráveis e não duráveis	-0,7	1,3	-1,0	-3,4
Extrativa Mineral	1,9	-5,4	-3,3	-1,6
Transformação	-0,3	0,1	-2,1	-3,0



## INDICADORES DE DESEMPENHO

### PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

#### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

**Presidente:**

José Carlos Lyra de Andrade

**1º Vice-presidente**

José da Silva Nogueira Filho

#### UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

**Coordenador**

Helvio Braga VilasBoas

**Elaboração**

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

**COORDENADORA**

Eliana Sá

**Informações Técnicas**

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior  
Luciana Santa Rita

**Consultora GI**

Morgana Maria Machado Moura

**Estagiários**

Alexandre Freire de Albuquerque Alves  
Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante  
Juliana Alves de Melo  
Pedro Monteiro de Oliveira



Contato  
(82) 2121-3085  
(Eliana Sá)